

Hay Que Endurecer, Pero Sin Perder La Ternura Jamás!



Jean Wyllys é um cara bacana, pra empregar uma interjeição que ele mesmo adora usar. Moderno e antenado, carrega, em tudo que faz na vida, a paixão, a sensibilidade e, principalmente, o pé no chão que uma infância de extrema pobreza no interior de Alagoinhas, na Bahia, lhe ensinou a ter. Eleito para seu primeiro mandato (2011-2014) como deputado federal pelo PSOL-RJ, se diferencia de vários de seus colegas no Congresso Nacional pela sua postura despretensiosa e sem muitas expectativas para além do “aqui e agora - o melhor lugar do mundo”, pra citar Gilberto Gil. “Não quero me preocupar com o que vou fazer daqui a quatro anos”, Wyllys repete incansavelmente para quem quiser ouvir, se referindo a um possível (ou não) segundo mandato. “Quero é mostrar para aqueles e aquelas que votaram em mim que eu estou aqui para trabalhar. Depois a gente pensa no futuro”, diz, com toda a convicção de alguém que quer realmente mudar o mundo.

Se depender da sua atuação desde que ocupou o gabinete 646 da Câmara dos Deputados, o quarto filho de dona Inalva, nascido em 10 de março de 1974, não terá muito com o que se preocupar. Um dos deputados federais mais ativos, produtivos e falados neste primeiro semestre de mandato, Wyllys - cujo nome veio de uma homenagem do pai, José Dias, pintor de automóveis apaixonado pelo Jipe de nome homônimo - se tornou uma das maiores referências e a cara da luta pelos direitos das minorias no Congresso Nacional.

Atuando com temas polêmicos, como o relançamento da Frente Parlamentar pela Cidadania LGBT, a luta pela aprovação do PLC 122 - que busca criminalizar a homofobia - e a aprovação da PEC do Casamento Civil entre homossexuais - que estende os mesmos direitos de casais de sexo opostos a casais homoafetivos - Wyllys se tornou alvo fácil de ajuizamentos de opositores aos direitos humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), segmento que representa 10% da população brasileira (estatística subestimada).

Suas duras críticas aos cristãos fundamentalistas e fanáticos lhe renderam ameaças de morte via redes sociais e uma campanha diária que tenta enodoar sua imagem, orquestrada por aqueles que se opõem à extensão da cidadania aos homossexuais.

O que não o impede de parar de continuar tecendo suas análises.

— *“Minha crítica é àqueles que desprezam o conhecimento científico e fazem leitura ao pé da letra ou enviesada de certos trechos da Bíblia, esquecendo-se convenientemente de outros”, diz Wyllys, lembrando que sua atuação vai além das questões LGBT.*

Titular da Comissão de Finanças e Tributos e da Comissão de Legislação participativa, responsável de ouvir as sugestões da sociedade e suplente do deputado Chico Alencar (PSOL-RJ) na Comissão de Direitos Humanos e minorias, Wyllys também atua na defesa dos direitos dos consumidores, dos contribuintes, dos idosos e dos servidores públicos.

Recentemente expandiu sua área de atuação para uma luta mais corpo-a-corpo contra a intolerância religiosa, quando, conjuntamente com a deputada Erika Kokay (PT-DF) e o deputado Valmir Assunção (PT-BA), lançou a Frente Parlamentar em defesa das Comunidades de Terreiros e, no último 4 realizou, no Rio de Janeiro, o 1º Encontro pela Igualdade e Contra o Preconceito Religioso, reafirmando seu compromisso com o exercício da laicidade do Estado (ver matéria abaixo).

— *“Nosso Estado é laico, todos têm o direito de professar sua fé”, diz Wyllys. “Muita gente não sabe, mas quem garantiu, na Constituição Federal, o direito à liberdade de crença foi um ateu Obá de Xangô do Ilê Axé Opô Aforjá - Jorge Amado. Entretanto, fundamentalistas cristãos querem fazer uso dessa liberdade para perseguir religiões minoritárias e ateus”.*

Wyllys lembra que o limite da liberdade de expressão de quem quer que seja é a dignidade da pessoa humana do outro e critica novamente os fundamentalistas cristãos que impõem suas crenças e visões com discursos de ódio que violam a dignidade humana, principalmente de homossexuais. “Estes (discursos) têm servido de pano de fundo para brutais assassinatos de homossexuais, numa proporção assustadora de 200 por ano, segundo dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia e da Anistia Internacional”, diz. “Incitar o ódio contra os homossexuais faz, do incitador, um cúmplice dos brutais assassinatos de LGBTs”.

A luta é dura, reconhece o deputado. Mas ele também é, garante. E adiciona: *“Pero sin perder la ternura jamás”, diz, citando o revolucionário cubano, Che Guevara.*

Que assim seja.